



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

# O erro da morte

---

## *Death's Mistake*

Autor: Velímir Khlébnikov

Edição: RUS Vol. 13. Nº 21

Data: Abril de 2022

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2022.194942>

KHLÉBNIKOV, Velímir. O erro da morte. Tradução de Raquel Abuin Siphone. RUS, São Paulo, v. 13, n. 21, pp. 189-201, 2022



# O erro da morte

Velímír Khlébnikov

Tradução de Raquel Abuin Siphone\*

## Introdução à tradução

\* Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo. Graduada em Letras (2021) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), com período sanduíche (2020) na Faculdade de Filologia da Universidade Estatal de Moscou (FILFA-K-MGU). <https://orcid.org/0000-0003-2259-7517>; <http://lattes.cnpq.br/4132936517788963>; [siphoneraquel@gmail.com](mailto:siphoneraquel@gmail.com)

Escrita em 1915, “O erro da morte” é uma peça teatral de Velímír Khlébnikov (1885-1922). Poeta que foi reconhecido por seus pares como o maior nome do futurismo russo, Khlébnikov recebeu de Maiakóvski a alcunha de “Colombo dos novos continentes poéticos”. Sua trajetória excêntrica – fôra um estudioso das ciências exatas e naturais antes de voltar-se para as humanidades – e plataformas estéticas revolucionárias colocam-no à dianteira do movimento vanguardista. Estudioso das formas linguísticas arcaicas, Khlébnikov soube mesclar a tradição (uma tradição, inclusive, já esquecida) à sua contemporaneidade, sendo um dos principais expoentes daquilo que Jakobson chamou de a “novíssima poesia russa”. No centenário de sua morte, trazemos o drama para o português traduzido diretamente do original. Trata-se de uma tradução literal que não pretende preservar nem a métrica, nem as rimas da criação original.<sup>1</sup> Produzida logo nos primeiros anos do Modernismo russo, a peça propõe uma leitura pouco convencional do retrato da morte que existia até então. Mergulhado em

---

<sup>1</sup> Agradecemos os comentários e sugestões dos professores Mario Ramos Francisco e Ekaterina Vólkova Américo.

um contexto nacional que almejava o progresso mecanicista (industrial) equiparável ao das grandes potências europeias, não raro os intelectuais do período conjecturavam como essa tecnologia implicaria no prolongamento da vida humana (o caso de “O percevejo” (1929), de Vladímír Maiakóvski, por exemplo). Vemos aqui, portanto, essa nova representação literária da morte: enganada e vencida.

## Introduction to translation

Written in 1915, «Death’s Mistake» is a play by Velimir Khlebnikov (1885-1922). A poet who was recognized by his colleagues as the greatest name in Russian futurism, Khlebnikov was called by Mayakovsky the “Columbus of the new poetic continents”. His eccentric trajectory – he was a scholar of the exact and natural sciences before turning to the humanities – and revolutionary aesthetic platforms put him at the forefront of the avant-garde movement. A scholar of archaic linguistic forms, Khlebnikov knew how to blend tradition (a tradition, moreover, already forgotten) with his contemporaneity, becoming one of the main exponents of what Jakobson called the “newest Russian poetry”. On the centenary of his death, we bring the drama to the Portuguese translated directly from the original. It is a literal translation that does not intend to preserve either the meter or the rhymes of the original. Produced in the early years of Russian Modernism, the play proposes an unconventional reading of the picture of death that existed until then. Immersed in a national context that desired mechanistic (industrial) progress comparable to that of the great European powers, often the intellectuals of this period conjecture how this technology would imply the prolongation of human life (the case of “The Bedbug” (1929) by Vladímír Maiakóvski, for example). We see here, therefore, this new literary representation of death: deceived and defeated.

**Tradução<sup>2</sup>**  
**O erro da morte:  
o décimo terceiro convidado**

**Personagens:**

A dona morte  
12 convidados  
13º convidado.

*Lugar da ação: taverna dos jubilosos mortos-vivos com a gaita de fole entre os dentes.*

**Ato I**

DONA MORTE:

Amigos! Que comece o baile da morte. Deem as mãos e formemos a ciranda.

SOLISTA:<sup>3</sup>

Em seu xale o pícaro passava  
Ouço o gélido grito  
Abaixo o chão curvo estala  
Da garra que passa o mimo.  
Bata no crânio, de novo, bata,  
Uma multidão de bêbados descarnada

---

<sup>2</sup> A peça foi traduzida a partir do volume *Criações* (Творения), de Velimír Khlébnikov. Disponível em: <https://rvb.ru/20vek/khlebnikov/tekst/05drama/227.htm>.

<sup>3</sup> Запевало, em russo. Aquele que é responsável por cantar o proêmio (запев) no gênero dramático.

E lá, onde se emaranham os muitos cordões  
Próximo às tēmporas frágeis  
Deixe que dos vermes venham as canções  
De finas vozes o cântico  
Pelo parietal costurado o crânio  
Deixe cair o envoltório pano

Como de um amigo a copa  
Ascenderá a multidão morta  
Vivo ou morto, cante!

Gloria à nossa bebedeira triunfante,  
Faça famoso nosso pândego regimento

Em que o crânio dos felizes é divertimento  
Ela<sup>4</sup> em meio a eles circula no auge do seu envelhecimento  
Um velho de face embriagada pela euforia  
Em sua sobrecasaca é o príncipe da romaria  
E tudo, desde as lágrimas de Maria aos olhos são,  
Toda mundês será "pia".  
Será raiz de toda desunião  
Que de si mesmo sairá.  
Chega!

*(O círculo se desfaz)*

12 CONVIDADOS:

E agora? O que faremos, Dona Morte?

DONA MORTE:

Você é tempo? Nós somos tempo!

---

<sup>4</sup> Refere-se à morte.

Não, não. Você não compreende um ás sequer.  
Tal como lança, os bigodes se erguem,  
E os olhos, para sempre se fecham!

Lá, acima do telhado, pendura-se a lua cheia  
À meia noite, mova o ponteiro do coração<sup>5</sup>  
E diga: pare!  
Toda mundês é sonho e realidade.

No velho abutre  
Das portas noturnas  
Sucumba e beba  
Morra depressa.  
Como fios de colares  
Visões de dias  
Espalhe-se e se cale,  
E empalideça.  
Empalideça e cambaleie...

Acabemos o baile da Morte, senhores! Estou cansada.  
Vou me sentar.

Deslizamos e respiramos  
E no corpo esses xales,  
Feito pássaros caídos sobre a neve,  
Riem-se de nós,  
Sabiam que há um almoço de deleites  
É assim. Aquele esbanjador  
Alguém, que é o melhor  
No além do caixão da nuvem encantadora  
*(Pega um canudo e bebe suco de cereja do copo de vidro)*

---

<sup>5</sup> Metáfora para um relógio que marca a hora da morte.

*Os 12 convidados fazem o mesmo. Uma longa mesa coberta por uma toalha branca. Nos copos vê-se o rubro escuro.*

## **Ato II – O banquete**

DONA MORTE:

*(suga a água doce e vermelha; em meio aos lábios vê-se apertado o canudo dourado). Dê-me a cabeça de Oleg, meu querido e bravo garoto (bebe e perde-se em pensamentos). Ei! Passe o gelo!*

Alguns crânios possuem os lábios pretos.

*(Boceja). Ei! Meus queridos! Ao jantar, senhores! (Lentamente levanta-se e sai em direção à porta.) Parece que há alguém à porta.*

*Tira lentamente o canudo da boca. Inteira de branco passa com seu chicote em meio aos convidados. Uma domadora em meio aos seus animais. As copas – com suas sobranceiras arqueadas em tom argilosa-amareladas e maçãs do rosto cinzentas – estão próximas aos convidados.*

Quem está aí? Quem está aí uma hora dessas?

Quem aqui se abriga com tal pressa?

Abra, meu caro, a porta está mais próxima de ti; dê-se ao meu chicote – veja, ele está ali.

Tão louco e furioso,

Quem parado na escuridão bate?

Para a janela flamejante

Te trouxeste a tempestade?

UMA VOZ:

Ei! Abra!

DONA MORTE:

Ele novamente aqui bate,

Deslizando, entrou,

Ao todo somos... quatro... cinco...

Ele é um décimo terceiro que não pode haver

Ou o mudo diz: "Osso",

Ou ele diz: "Não posso",

Adentrou e parado sob a padieira ficou

Querido, querido, bote-o pra fora.

O ENTRADO:

Ei! Mercadora da morte!

Não li sobre a cidade dos Tolos,

Mas vejo muitos pálidos cadáveres

São queridos, são queridos,

Sob as garras de uma trapaceira pândega

Os lábios deles são rifles ágeis,

Mas em seus rostos o giz, o giz.

Eles permanecem em silêncio, morreram como o fogo abandonado na neve e suas brancas faces são como uma mancha de giz na parede. Sim, esta é a taverna dos foliões da morte. Vejam aonde fui parar. Eu também quero me fartar de tudo o que estão cheios esses brancos cor de giz próximos às paredes. Alguns ainda se mexem; assim morrem as moscas em meio às flores, lenta e relutantemente. Escutem! (*Brandindo uma espada.*) Eu, o décimo terceiro, também quero uma cerveja dos mortos. Gosto do meu desejo.

*Chega o sono: alguns deitam e resmungam "mãezinha", outros dizem "irmão" e murmurando e resmungando algo.*

Escute aqui! Eu exijo a cerveja dos mortos; esses brancos, cor de giz junto à parede, tomaram ela. Suas roupas balançam como uma vela lenta e todos têm meia-noz nas mãos. Ei! Eu exijo!

DONA MORTE:

Escute, senhor, como é que eu farei isso se não temos copos sobrando?

O ENTRADO:

Isso não é problema meu. Eu estou mandando, eu estou pagando a taverna dos foliões da morte por um gole do cálice da morte.

DONA MORTE:

Ah! Que má sorte! Talvez deva ir a um mercado?

O ENTRADO:

[Recuso-me! Não aceito] nem um floco de neve sequer de ajuda ou conselho.

DONA MORTE:

Você é uma pessoa muito desconfiada, isso sim.

O ENTRADO:

Diga sim ou perderá, para sempre e em todos os lugares, o direito de barganhar a morte.

DONA MORTE:

Como é severo. (*Pega um lençinho.*) E, na realidade, um problema. E [você?] O que está olhando, maldito? Na ta-

verna da morte um não pode beber do copo do outro.

*Em meio aos mortos há alguma movimentação e, em alguns, por trás da máscara de giz, vê-se o fogo dos vivos reacender. Movem as pontas das sobrancelhas e das bocas.*

DONA MORTE:

*(Pega o chicote).* Para trás, malditos! Voltem para a morte! *(Bate o chicote.)* E com quem eu poderia deixá-los? Fiquem quietinhos. *(Sai.)*

*Os doze que estavam junto às paredes, como que vindo dos mortos, revivem; alguns acendem os isqueiros: "Você tem fogo aí?". "Obrigado". Outros bocejam docemente e espreguiçam-se "Ah-ah-ah!".*

DONA MORTE:

A vizinha não está. E todos já estão de pé. Vá embora! O que você quer? É capaz ainda de me matar.

O DÉCIMO TERCEIRO:

Eu não tenho uma gota sequer de compaixão. Sou todo feito de crueldade.

DONA MORTE:

*(Corre em direção aos doze e os coloca sentados).* Fiquem sentados, aves de rapina. Estou perdendo a cabeça.

O DÉCIMO TERCEIRO:

Eu, o décimo terceiro, te pergunto: e a cabeça está vazia?

DONA MORTE:

Vazia feito um copo?

O DÉCIMO TERCEIRO:

Eis um copo para mim. Dê-me sua cabeça.

DONA MORTE:

Não sei o que fazer, mas, se ela estivesse cheia, eu saberia.

O DÉCIMO TERCEIRO:

Negócio fechado então? Aposto na estupidez da morte.

DONA MORTE:

De acordo!

O DÉCIMO TERCEIRO:

Você já esteve, alguma vez, em meio a um quadro negro, dos elegantes e inteligentes médicos em meio ao arame que lhe transpassava os ossos saindo em meio à mão, em um emaranhado de cordas, e o crânio coberto de inscrições em latim, sim? E então?

DONA MORTE:

*(Olhando para baixo)*. Sim. Havia três de nós. Uma após a outra.

O DÉCIMO TERCEIRO:

Desparafuse seu crânio. Vamos! O copo para o décimo terceiro convidado. No lugar dele, pegue o meu lenço. Ele ainda está perfumado e não está muito sujo *(desen-*

*rola-o).*

DONA MORTE:

Mestre! Você é pior que Razin. Muito bem. Mas deixe-me com o maxilar inferior. Para que iria querê-lo? *(Joga a foice, desparafusa o crânio e o dá para ele.)* Perdoe-me, meu querido.

O DÉCIMO TERCEIRO:

*(Entrega-lhe o lenço).* Perdoe-me, querido.

DONA MORTE:

Enxergo mal com este lenço. Sirva-se você mesmo. No barril preto está a sua água escura. Escute! Não me engane! Assim como a uma mulher que, ao ser levada para o calabouço, abraça os pés do carrasco, eu abraço e beijo os seus pés. Estou cega. Não posso enxergar. Meu crânio está contigo, com um homem forte.

O DÉCIMO TERCEIRO:

Pela primeira vez na vida sinto-me tocado por tamanho arrependimento. A Morte prostra-se a meus pés.

OS DOZE CONVIDADOS:

Você não vai enganá-la, mas nós vamos; somos os escravos junto à parede, aos olhos daquele que, em breve, será habitante da nação dos vermes nós suplicamos: engane-a!

DONA MORTE:

Não consigo ver um inseto sequer, nem o banquete na taverna: ai de mim, estou cega, eu me jogo aos seus pés; você quis, exigiu e ordenou a bebida dos mortos. Ela

está no barril, e a minha está no azul. Não as misture. Veja: a filha da sepultura implora e suplica feito uma vassoura de bétula aos seus pés. E se você estiver feito um pêndulo entre o “sim” e o “não”, então tenha um coração!

O DÉCIMO TERCEIRO:

É você quem deve servir a bebida.

DONA MORTE:

Mas onde está meu crânio? Meus olhos? Escute, eu sei, você ganhou (*Procura pela cabeça*). De que me serve agora esse lenço? Nada! Eu venci ou pereço? (*Pula*.) Anseio por mais um assobio de flautas feitas túbias humanas! O quebrar das vértebras! As pancadas nas pélvis! Mais alaúdes de estreitos mindinhos! Vocês doze, arditosamente, cochicham uns para os outros. Eu passava em meio a vocês com meu chicote. Agora, também, não me rasguem em pedaços. Afastem-se! Afastem-se!

Oh crânio, toque nos alaúdes!

Oh ossos, batam nas balalaicas!

Encho duas copas, uma é vida, a outra morte, e ficarei indiferente, insípida, esbranquiçada pelo caminho. Agora escolha.

O DÉCIMO TERCEIRO:

Escolha você mesma.

DONA MORTE:

Estou cega.

O DÉCIMO TERCEIRO:

Por isso, escolha.

DONA MORTE:

Eu estou bebendo, e tem um gosto horrível. Caio e adormeço. Isso se chama "O erro da Dona Morte". Estou morrendo (*Cai sobre os travesseiros*).

*Os doze regressam à vida aos poucos à medida que ela morre. O alegre banquete dos libertados.*

DONA MORTE:

(*Levantando a cabeça*). Dê-me "O erro da Dna. Morte" (*Folheia-o*). Desempenhei meu papel até o fim. (Salta do lugar) agora posso me juntar a vocês. Olá, senhores!

23 de novembro de 1915

Recebido em: 15/02/2022

Aceito em: 28/03/2022